

Lições da Contrainsurgência do Iraque

Bing West

A GUERRA MILITAR NO Iraque terminou em 2008, embora o conflito político entre os sunitas, xiitas e curdos vá continuar por décadas. Ao mesmo tempo, a guerra no Afeganistão se intensificou, e mais tropas americanas foram comprometidas com a guerra. Este artigo, baseado em 15 viagens prolongadas que fiz ao Iraque e em entrevistas que conduzi com 2.000 soldados e fuzileiros navais, analisa as causas da reviravolta no Iraque e a sua importância para o desenvolvimento da doutrina e para o sucesso na guerra no Afeganistão.

Uma Guerra de Duas Frentes em Perigo

De 2003 a 2008, duas frentes distintas responderam por cerca de dois terços de todas as mortes americanas. No oeste, a província sunita de Anbar surgiu como a área central de uma resistência sectária, que foi gradualmente assumida pela Al-Qaeda no Iraque (AQI). Anbar respondeu por 42% de todas as mortes dos EUA no Iraque de 2004 a 2006.¹

No leste, a região de Bagdá respondeu por 27% das mortes no período de 2004 a 2006.² Essa taxa aumentou para 44% em 2007.³ A violência dentro e ao redor de Bagdá estourou na primavera de 2004 e, então, diminuiu dentro da capital em 2005. As brigadas dos EUA se retiraram da cidade durante essa falsa calmaria. No entanto, nos bastidores, as milícias xiitas conspiravam com o Ministério do Interior e com a polícia para criar esquadrões da morte. Quando esses esquadrões saíram dos redutos xiitas em Bagdá, no início de 2006, as forças dos EUA foram surpreendidas fora de posição, enquanto o governo controlado pelos xiitas não tinha a vontade nem a capacidade de apoiar um esforço combinado para restaurar a ordem.

Então, em meados de 2006, a coalizão estava perdendo nas duas frentes. Em Anbar, segundo uma avaliação feita no local, a Al-Qaeda controlava a população. Em Bagdá, uma guerra civil era travada e os sunitas estavam sendo expulsos de suas casas. Contudo, um ano depois a maré da guerra virou em favor da coalizão. O que ocorreu? Dois eventos mudaram o curso da guerra: o Despertar Sunita em Anbar, em 2006, e a escalada de tropas em Bagdá, em 2007. O Despertar era o facilitador essencial para o sucesso da escalada de tropas.

O Despertar na Frente Ocidental

Um veterano de combate escreveu uma vez: “Há uma grande diferença na percepção de eventos ocorridos em tempos de guerra nas histórias e documentos escritos depois”.⁴ Segundo



O falecido xeque Abu Risha Sattar, líder do Despertar, em Ramadi, setembro de 2007.

Ex-subsecretário de defesa e fuzileiro naval combatente, o Sr. West é autor de vários livros e artigos militares, incluindo The Villager: A Combined Action Platoon in Vietnam, e The Strongest Tribe: War, Politics and the End Game in Iraq. É

correspondente para o jornal The Atlantic e, atualmente, está escrevendo um livro sobre a guerra no Afeganistão e o papel da coragem na sociedade.



(Todas as fotos cortesia do autor)

Um grupo de combate em operação de limpeza em Fallujah, Iraque, Novembro de 2004.

uma narrativa posterior que alcançou status de mito, em 2007, o presidente Bush aumentou as forças com mais cinco brigadas, capacitando o general Petraeus a implantar as táticas de contrainsurgência que ganharam a guerra. Um colunista do jornal *Washington Post* se referiu a Petraeus como o “Salvador de Anbar”.⁵ Tais mitos incentivam teorias excessivamente simplificadas e equivocadas sobre uma rebelião tribal semelhante no Afeganistão. Os fatos sobre Anbar são mais complicados.

Por toda a guerra, Anbar era uma operação de economia de meios. Em 2005, os 22.000 fuzileiros navais e 5.000 soldados da Força Multinacional Oeste (*Multi-National Force West — MNF-W*), sob o controle operacional da Força Expedicionária dos Fuzileiros Navais (*Marine Expeditionary Force — MEF*), representava um quinto das forças americanas no Iraque e respondia por dois quintos

das baixas. Anbar, uma extensa área ocupada por tribos truculentas segundo a sabedoria popular, seria a última província a ser pacificada.

Um caminho árduo levou ao Despertar. No início de 2004, vários xeques importantes de Anbar concordaram em apoiar o incipiente governo iraquiano, mas, depois, recusaram-se a enviar membros de sua tribo para os centros de adestramento ao norte de Bagdá. Os habitantes de Anbar, eles declararam, não sairiam da província. Então, em maio de 2004, a MEF permitiu, imprudentemente, que os insurgentes locais formassem a chamada “Brigada de Fallujah” para controlar a cidade de Fallujah. A Al-Qaeda assumiu o controle rapidamente, forçando 10 batalhões dos EUA a voltarem no final de 2004 para retomar a cidade, em meio a grande destruição.

A partir do final de 2005, a MEF empregou cerca de 40 bases de combate valor companhia em uma estratégia de limpar e manter para controlar seis cidades e as terras cultiváveis à volta. No entanto, essa estratégia só rendeu ganhos exíguos e baixas constantes. Várias tentativas de ofertas pelos sunitas de formar suas próprias milícias foram firmemente rejeitadas. No início de 2006, os xeques em Ramadi concordaram que seus seguidores poderiam entrar para o Exército iraquiano e para a força policial. A Al-Qaeda reagiu, assassinando vários xeques e matando mais de 50 recrutas. A situação era desanimadora em Anbar, enquanto, ao leste, Bagdá se desintegrava. Em Washington, muitos na imprensa e na administração acreditavam que a guerra estava perdida.

Então, em setembro de 2006, o xeque Abu Risha Sattar declarou uma rebelião tribal contra a Al-Qaeda. A iniciativa de Sattar, apoiada pelo

Os fatos sobre Anbar são mais complicados.

coronel Sean McFarland, foi a terceira tentativa dos sunitas de se livrar do jugo da Al-Qaeda. Dessa vez, o esforço produziu resultados, devido principalmente ao dinamismo de Sattar. Seu grito de mobilização foi bem recebido pela população

e legitimou cem parcerias de base popular entre os líderes locais (comandantes de batalhões iraquianos, chefes de polícia e líderes tribais) e comandantes americanos do escalão batalhão

A maior contribuição da aliança tribal de Sattar ocorreu fora das cidades, por meio do processo de “drenagem do pântano”.

para baixo. O Despertar deslegitimou os membros tribais que atacavam americanos ou se afiliavam à Al-Qaeda.

Em uma brilhante análise, Jonathan Schroden, do Centro de Análises Navais, descreveu como a insurgência perdeu a iniciativa. O número de incidentes de violência em Anbar despencou de mais de 450 por mês no final de 2006 para menos de 100 em meados de 2007.⁶ As mortes americanas em Anbar diminuíram de 43% do total, em 2006, para 17%, em 2007.⁷ A partir do final de 2006, as forças da coalizão e do Iraque iniciaram a maioria dos contatos em Anbar.⁸ O número de denúncias dos cidadãos, sentindo que a Al-Qaeda estava sendo expulsa, disparou, enquanto o número de recrutas sunitas para a Polícia e o Exército (com garantias de designação dentro de Anbar) ultrapassava o de vagas.⁹

Outros fatores contribuíram para esse sucesso. A cidade de Haditha passou para o nosso lado, porque uma equipe de operações especiais reinstalou no cargo um chefe de polícia exigente, cuja tribo era detestada, mas temida pelas pessoas locais, e porque um acostamento de terra foi erguido ao redor da cidade, restringindo a entrada de veículos.

A insurgência iraquiana foi a primeira insurgência do mundo em larga escala e com grande utilização de veículos. A Al-Qaeda, bandos da resistência sunita e esquadrões da morte xiitas viajavam em caravanas de carros. Sua mobilidade foi eliminada com a construção de muralhas

de concreto que fecharam os bairros. Embora forçasse os moradores a transportar alimentos nas costas ou formar filas para entediadas vistorias de carros, isso, de fato, limitou a entrada de pessoas de fora. Caso permanecessem dentro das muralhas, os combatentes da Al-Qaeda corriam o risco de serem traídos.

A capital de Anbar, Ramadi, foi pacificada por um comandante de batalhão americano e um chefe de polícia apoiado por sua própria tribo, que competia com Sattar. Ramadi foi reconquistada pouco a pouco, com a construção de barricadas e a fortificação de distritos policiais conforme eram recuperados. Apesar de sua resistência, Fallujah finalmente se acalmou devido a uma combinação de um chefe de polícia rígido, que havia sido, ele próprio, um insurgente no passado; barricadas recém-construídas; vigilância de bairros sunitas; e patrulhamento constante por grupos de combate americanos.

A maior contribuição da aliança tribal de Sattar ocorreu fora das cidades, por meio do processo de “drenagem do pântano”. Milhares de quilômetros de terras cultiváveis e densa vegetação rasteira permitiram que a Al-Qaeda descansasse e se reequipasse na segurança daquela cobertura e esconderijo. Contudo, depois que as tribos se viraram contra a Al-Qaeda, esses esconderijos dispersos da organização foram identificados gradualmente. Os arredores de Habbineah, a meio



Escaramuça no distrito de Adamiah de Bagdá, agosto de 2007.

caminho entre Ramadi e Fallujah, sucumbiram aos batalhões americanos e iraquianos no final de 2006, depois que membros das tribos identificaram os simpatizantes da Al-Qaeda. Em 2007, a estratégia da escalada de tropas introduziu mais 2.000 soldados na região de Tharthar, no nordeste de Anbar. Embora essa fosse uma útil medida de limpeza, a guerra em Anbar já fora ganha. A principal variável que levou ao sucesso na frente ocidental foi a mudança de opinião entre a população sunita.

A Escalada de Tropas na Frente Oriental

A mudança nascente na atitude sunita foi pouco apreciada em Washington durante o outono de 2006. Os integrantes do Conselho de Segurança Nacional, independentes de um Pentágono letárgico, elaboraram uma estratégia para mudar a dinâmica de uma guerra que parecia estar em vias de ser perdida. Os membros do conselho acreditavam que uma escalada de tropas indicaria que Bush estava determinado a prevalecer.

Em meados de dezembro de 2006, o general Raymond Odierno, que acabara de assumir o comando do III Corpo, decidiu adotar uma dupla “estratégia de lacuna” na frente oriental. Usaria mais ou menos a metade das tropas da escalada



“Filhos do Iraque” perto de Taji, julho de 2008.

para expulsar a Al-Qaeda das terras cultiváveis que rodeavam Bagdá. A outra metade se juntaria às forças americanas já dentro de Bagdá e protegeria a população, preenchendo a lacuna

Petraeus usava o Despertar como alavanca para virar a guerra.

causada pela ausência das forças de segurança iraquianas. Odierno e Petraeus, que não assumiria o comando até fevereiro, exerceram forte pressão sobre o Pentágono para assegurar que receberiam cinco brigadas adicionais.

Como em Anbar em 2006, um padrão de parcerias de base surgiu no leste durante 2007, moldado por quatro decisões nos escalões superiores. Como mencionado, as duas primeiras foram a escalada de tropas por Bush e o desdobramento de soldados em faixas ao redor de Bagdá e dentro da capital por Odierno.

A terceira decisão importante foi o foco de Petraeus em proteger a população. Ele me disse que buscava algumas “grandes ideias” para conferir direção e poder de persuasão às ações dos 130.000 soldados da coalizão. Duas dessas grandes ideias eram “Não viajar para o trabalho” e “Ser parceiro dos iraquianos”. Ele retirou os soldados das grandes bases, transferindo-os para bairros de Bagdá, especialmente em áreas problemáticas, onde os sunitas estavam sendo expulsos ou onde a Al-Qaeda estava no controle. A Al-Qaeda se defendeu contra essa nova presença de 24 horas, conforme demonstrado pelo fato de que a região de Bagdá agora respondia por 44% de todas as mortes americanas em 2007, conforme os soldados limpavam e mantinham o controle de bairro após bairro.¹⁰

A quarta boa decisão foi a utilização do Despertar por Petraeus como alavanca para virar a guerra. Em fevereiro de 2007, ele visitou Ramadi e ficou impressionado com os milhares de sunitas que aderiam às “unidades de resposta de emergência” das tribos. Ele autorizou os comandantes americanos em todo o Iraque a recrutarem forças irregulares parecidas. Isso só

ocorreu depois e porque os postos avançados americanos, com valor companhia, foram estabelecidos por toda a cidade de Bagdá e pelas terras cultiváveis do entorno. Em 2008, os batalhões dos EUA pagavam 90.000 iraquianos — na maioria, sunitas — que tinham se oferecido para servir em grupos de vigilância de bairro chamados de Filhos do Iraque. A Al-Qaeda fugiu e os ataques de esquadrões da morte xiitas diminuíram de forma considerável.

Em 2007, em áreas xiitas sob o controle de milícias, como a Cidade Sadr, a população não ousou aceitar a proteção americana. Embora usasse as forças de operações especiais para prender os líderes de milícia superiores, Petraeus deixou, a princípio, que o primeiro-ministro Maliki lidasse com essas áreas xiitas. Em meados de 2008, Maliki atacou impetuosamente a milícia de Sadr, em Basra. A luta se espalhou também para a Cidade Sadr. Petraeus enviou forças especiais dos EUA, meios de Inteligência e apoio aéreo aproximado para auxiliar o Exército iraquiano. A milícia de Sadr sofreu um grande número de baixas, e muitos de seus líderes fugiram para o Irã.

Em seu livro *The War Within* (A Guerra Interna, em tradução livre), Bob Woodward alega que a reviravolta se deve, em grande parte, às forças

Galula não abordou o fato de que uma insurgência é derrotada, em geral, por meio do controle — e não pela proteção — da população.

de operações especiais com um dispositivo ultrassecreto que desgastou a liderança da Al-Qaeda.¹¹ Com a autoridade de operar em qualquer lugar que escolhessem no Iraque, as forças de operações especiais alcançaram, de fato, resultados notáveis, sendo responsáveis pela eliminação ou captura de talvez 70% dos alvos de alto valor. No entanto, se não fosse pelos postos de combate avançados, delegacias de polícia e forças de segurança entre a população — a essência da

estratégia operacional de Petraeus/Odierno — a Al-Qaeda poderia substituir continuamente as suas perdas. As forças de operações especiais eram necessárias, mas não eram o fator crítico. Em resumo, em ambas as frentes ocidental e oriental, o desdobramento de tropas americanas entre a população e o estabelecimento de parcerias de base com batalhões e polícia iraquianos e grupos de bairro sunitas — incluindo antigos insurgentes — provocaram a reviravolta na guerra.

Implicações para a Doutrina

O sucesso no terreno validou o princípio doutrinário de proteger a população. O Manual de Campanha *FM 3-24, Counterinsurgency* (Contra-insurgência), vai bem mais longe, porém. Declara que “A expectativa é de que os soldados e fuzileiros navais sejam construtores de nações, além de guerreiros que reconstruam a infraestrutura e os serviços básicos... [para] facilitar o estabelecimento da governança local e do Estado de Direito”.¹² O problema fundamental com essa expectativa é que ela é escrita como se os comandantes americanos tivessem a autoridade ou o poder de persuadir os líderes da nação anfitriã a executar princípios benevolentes do Ocidente. No entanto, não somos colonizadores com o poder para cumprir essas tarefas. Em vez disso, devolvemos a soberania tanto ao Iraque quanto ao Afeganistão. Nossos soldados não podem construir essas nações. Com influência limitada, podem apenas assessorar.

O manual de campanha complementar ao *FM 3-24*, o *FM 3-27 Stability Operations* (Operações de Estabilidade), também enfatiza a construção nacional, desenvolvimento econômico, boa governança e prestação de serviços, especialmente esgoto, água, eletricidade e coleta de lixo.¹³ Também enfatiza a segurança “baseada nas normas democráticas e sustentada por princípios internacionais” de direitos humanos.¹⁴

Embora eles sejam louváveis, são necessários para o sucesso militar?

Ênfase Exagerada no Desenvolvimento Econômico

O *FM 3-24* seguiu a tradição de David Galula. Em 1962, quando era aluno na Universidade Harvard, Galula, um oficial francês reformado, escreveu um tratado sobre a contra-insurgência

na Argélia. O pequeno livro de Galula defendia a filosofia de governo de Rousseau, afirmando que uma insurgência é derrotada quando o governo protege a população e resolve as suas reclamações.

Galula não abordou o fato de que uma insurgência é derrotada, em geral, por meio do controle — e não pela proteção — da população. Em 1921, os britânicos não protegeram a população irlandesa contra o Exército Republicano Irlandês. Em vez disso, a população irlandesa maltratou as forças britânicas. A meta da Grã-Bretanha era controlar os irlandeses, e não protegê-los. Da mesma forma, a teoria de Galula não teria capacitado os franceses a manter o controle no Vietnã ou na Argélia, porque os insurgentes nesses lugares queriam a liberdade dos franceses.

Os agricultores chineses na Malaia nos anos 50 foram cercados durante a insurgência, e não cortejados com projetos econômicos. O Vietcongue havia sido, em grande medida, derrotado, em 1970, enquanto os sul-vietnamitas, em sua grande maioria, continuavam a ser agricultores de subsistência, privados de assistência econômica e eletricidade gratuita. Entretanto, como Galula alia o poder militar ao serviço benevolente ao povo, sua teoria está de acordo com o pensamento político liberal do Ocidente, independentemente dos fatos históricos.

Da mesma forma que Galula foi capaz de persuadir os acadêmicos, as teorias defendidas no *FM 3-24, Counterinsurgency* (Contra-insurgência), convenceram a grande mídia que a campanha

**No período de 2003 a 2004,
prendemos muitas pessoas
erradas e hostilizamos
centenas de milhares.**

vindoura do general Petraeus em Bagdá era justa. O manual de campanha agradava os liberais porque apresentava o conceito de guerra sem sangue. Os inimigos eram convertidos em vez de mortos. Foi o único manual de campanha a receber uma crítica literária no *New York Times*, redigida por um professor de Harvard.

O poder de conversão do manual de campanha, porém, era a sua fraqueza operacional. Em termos semelhantes ao determinismo econômico de Galula, tanto o manual de campanha de contra-insurgência quanto o de operações de estabilidade sustentavam que, se um governo fornecesse projetos, dinheiro e serviços gratuitos, bem como a segurança, o povo retribuiria com a rejeição da causa do insurgente, fosse ela política, religiosa ou nacionalista. No Iraque, todas as brigadas americanas passaram a trabalhar ao longo de quatro linhas de operações: economia, governança, segurança e serviços. Juntas, essas quatro linhas, empreendidas por soldados e fuzileiros navais voluntários que haviam sido treinados apenas para a missão de segurança, compunham a “construção nacional”.

De fato, o desenvolvimento econômico desempenhou um papel restrito. Os EUA gastaram mais de US\$ 50 bilhões em projetos de reconstrução, que não produziram uma mudança duradoura na opinião pública.¹⁵ As brigadas distribuíram mais US\$ 3 bilhões por meio do Programa de Resposta de Emergência do Comandante (*Commanders' Emergency Response Program*) com o intento de comprar ou arrendar a boa vontade local, a qual trabalharia contra os insurgentes. O general Peter Chiarelli escreveu um artigo para a *Military Review* sustentando que, quando os soldados dos EUA escavaram esgotos na Cidade Sadr, no final de 2004, as baixas americanas diminuiriam.¹⁶ Contudo, o aumento da rede de esgotos ou outros serviços não impediu a milícia de matar americanos nos anos subsequentes.

No Iraque, as equipes provinciais de reconstrução se tornaram proficientes no âmbito do distrito, e os comandantes de brigada apontam com orgulho para os mercados prósperos. Há um papel para tais empreendimentos, porque as nossas forças militares não são insensíveis, e não porque o desenvolvimento econômico é essencial para uma campanha militar. O Pentágono, porém, chegou a uma conclusão diferente, enfatizando o investimento mais aprofundado no desenvolvimento e instando que outras agências governamentais — Departamento de Estado, USAID, Departamento de Agricultura, Departamento de Energia, etc. — fossem atreladas às brigadas sem questionar se a meta fundamental

— a distribuição de bens gratuitos — cumpre o objetivo de conquistar os corações e mentes. As Forças Armadas devem analisar, rigorosamente,

... hipnotizados pela palavra “soberania”, abrimos mão da nossa influência sobre as promoções no Exército iraquiano e, assim, da competência dele...

que valor as equipes de reconstrução agregam ao cumprimento da missão e em que grau de financiamento.

Ausência do Estado de Direito

Nossa doutrina exige o “Estado de Direito”, mas não define o termo. A insurgência iraquiana foi a primeira em que o número de insurgentes capturados excedeu em muito o número eliminado. No período de 2003 a 2004, prendemos muitas pessoas erradas e hostilizamos centenas de milhares. Em 2006, tomamos a direção contrária, soltando vários culpados. Quatro de cada cinco detidos eram soltos em poucos dias. Para os que eram enviados para a cadeia, o tempo de prisão era, em média, de menos de um ano. Os soldados se ressentiam do resultante sistema de “prender e soltar”.

Em 2008, as Forças Armadas dos EUA tinham um sistema prático para classificar os 15.000 ou mais detidos sob a custódia dos EUA. Pelo menos 5.000 eram considerados perigosos demais para serem soltos. Não podíamos arriscar transferi-los para o sistema judiciário iraquiano, corrupto e amedrontado, com uma taxa de liberação de 95%. Não faz sentido santificar o Estado de Direito na doutrina e não ousar confiar nele na prática. Não instituímos o Estado de Direito no Iraque porque não tínhamos a autoridade.

O Estado de Direito é uma bagunça em termos das decisões judiciais feitas tanto pelo poder judiciário americano quanto pelo iraquiano. Dentro do Congresso dos EUA e do Supremo Tribunal Federal, não havia consenso sobre o

que fazer com os homens em roupas civis que mataram soldados americanos. Os cerca de 200 prisioneiros detidos em Guantânamo receberam direitos parecidos com os de cidadãos americanos acusados de crimes dentro dos EUA. Contudo, ninguém queria estender essa decisão aos milhares de prisioneiros que detivemos no Iraque e no Afeganistão.

As autoridades americanas forçam o Estado de Direito nos países não ocidentais, quando não podemos defini-lo para nós mesmos. Nessas circunstâncias, qualquer inimigo que use um uniforme enquanto luta contra nós é tolo. Ganha muitas vantagens ao se apresentar como civil.

Construção Nacional Permanece uma Questão em Aberto

Os manuais de campanha sustentam que devemos construir uma nação democrática à nossa imagem para suprimir uma insurgência. O Chefe do Estado-Maior da Defesa disse que uma insurgência não pode ser derrotada ao eliminar os insurgentes, indicando que a construção nacional é a solução.

No Iraque, a guerra acabou, mas a construção nacional ainda é um trabalho em andamento, com os nossos diplomatas tentando moderar a preferência xiita por uma tirania da maioria democrata. Ironicamente, os nossos comandantes no Iraque servem de ouvidoria para os sunitas que a eles se opunham anteriormente. A forma como as relações entre sunitas e xiita evoluirá terá cada vez menos a ver conosco com cada ano que passa, dado o novo e rigoroso Acordo de Status das Forças (*Status of Forces Agreement*).

Poucas pessoas mudam de caráter ao atingir a meia-idade. Nossos assessores lidavam com oficiais de meia-idade que eram ladrões e incompetentes antes da guerra, incluindo um ministro de defesa iraquiano que roubou centenas de milhões de dólares. Nossa doutrina oferecia poucos conselhos sobre como erradicar a ladroagem ou a relutância em engajar com o inimigo.

Uma força militar eficaz de uma nação anfitriã depende da escolha de bons líderes. O *Small Wars Manual* (“Manual das Pequenas Guerras”, em tradução livre) do Corpo de Fuzileiros Navais, uma obra clássica de contrainsurgência, determinava que os graduados americanos

escolheriam os líderes da força policial da nação anfitriã. No Vietnã, os destacamentos operacionais Alfa das Forças Especiais e os pelotões de ações combinadas dos fuzileiros navais exerceram influência significativa na seleção de líderes locais. Galula insistia que “a

Sattar se referiu ao governo de Bagdá como “aqueles persas”.

função mais importante dos contrainsurgentes, um passo indispensável para consolidar seus ganhos, é escolher novos líderes entre a população”.¹⁷

O dilema que as forças militares americanas nunca resolveram foi conciliar a sua ética com o comportamento daqueles que elas colocaram no poder. O coronel Juan Ayala, depois de servir como o assessor sênior da 1ª Divisão Iraquiana, escreveu: “A corrupção existe. Os iraquianos sabem que sabemos. *Sabem que nunca a aprovaríamos ou a denunciaríamos se a vissemos.* Nunca em aberto, os soldados rasos reclamam dela... não pode ser vista com olhos americanos. Faz parte da vida desde as areias da Mesopotâmia... A busca da corrupção desviaria o foco da missão, criaria enorme tensão em relacionamentos pessoais delicados, e pior, comprometeria a nossa posição de proteção da força (significando que haveria uma retaliação).”¹⁸

O general John Abizaid, o então comandante do Comando Central, discordou veementemente do coronel. Ao depor perante o Senado, Abizaid disse: “A Corrupção nesta parte do mundo é uma das grandes influências corrosivas que faz com que o extremismo floresça”. Contudo, os generais superiores nunca emitiram diretrizes claras, deixando os assessores sem saber como lidar com a sujeira e corrupção com as quais se deparavam rotineiramente.¹⁹

Quando os Estados Unidos estabeleceram o governo anfitrião inicialmente, poderiam ter estabelecido juntas de revisão combinadas para oficiais militares. Em vez disso, hipnotizados pela palavra “soberania”, abrimos mão da nossa influência sobre as promoções no Exército iraquiano e, assim, da competência dele. As

nossas forças militares devem ter um papel formal no sistema militar de promoções de qualquer nação anfitriã, que não existiria se os americanos não estivessem lutando e morrendo para manter a sua soberania.

Perseverança no Campo de Batalha

Odierno e Petraeus articularam, com habilidade, os desdobramentos das forças da escalada de tropas. A pré-condição fundamental era que os sunitas estavam predispostos a acolher favoravelmente os soldados da escalada de tropas em 2007. Esse não fora o caso em 2004. A Al-Qaeda, de forma parecida com o Terror de Robespierre na França, em 1792, matara um número enorme de xeques, fortalecera a classe criminosa e antagonizara a população sunita. Contudo, como essas tribos não eram fortes o suficiente para expulsar a Al-Qaeda, recorreram à tribo mais forte presente no Iraque na época — as Forças Armadas dos EUA.

O que nossas forças faziam no terreno? Uma coisa é designar um batalhão para um campo de batalha; uma outra é especificar suas tarefas. Estimar uma relação viável entre soldados e tarefas é apenas uma aproximação de primeira ordem. O que importa é o que os soldados podem realmente fazer uma vez no terreno e com que frequência.

Não havia um formato padrão para as operações de batalhão. Embora discussões com tribos, soldados e policiais iraquianos fossem frequentes, alguns batalhões dos EUA patrulharam sozinhos, alguns estabeleceram horários definidos para operações combinadas, e uns poucos operaram exclusivamente ao lado dos iraquianos. As baixas variavam dependendo do batalhão, abrangendo, em geral, de 5 a 30 mortos em combate e de 80 a 300 feridos em ação durante um rodízio. A regra prática aproximada era que todo soldado ou fuzileiro naval em uma unidade da linha de frente patrulhava fora da base pelo menos uma vez por dia. Muitas unidades se revezavam entre serviços internos de guarda e de manutenção e patrulhas externas. Em uma companhia de fuzileiros, cada fração conduzia uma patrulha de seis horas a pé ou montada todo dia ou noite. Isso era desgastante depois de três ou quatro meses, e era muito mais difícil para os soldados que estavam no país de

deslocamento, em rodízios de 12 a 15 meses, do que para os fuzileiros navais que, em geral, estavam lá por 7 a 10 meses.

O Iraque era, em essência, uma guerra policial. Em 2007, por exemplo, noticiou-se que 7.400 inimigos foram eliminados, enquanto um número seis vezes maior foi detido. Desse total, 19.000 foram aprisionados por um período médio de 300 dias. As forças de operações especiais responderam por aproximadamente 4.000 dos enviados à prisão.²⁰ Em média, cada batalhão convencional desdobrado prendeu e enviou um insurgente para a prisão a cada dois dias. Em comparação com as forças policiais nos EUA, essa era uma taxa muito baixa de detenção, condenação e prisão.

Não fizemos um bom trabalho no sentido de modificar o adestramento e estrutura da força militar para incluir métodos e medidas policiais. Os soldados não são policiais — exceto quando precisam ser. Cerca de 40% de uma força policial urbana é dedicada ao trabalho de investigação, com a meta de alcançar uma alta taxa de detenção e condenação (mais de 60%) para crimes violentos. As equipes de exploração ou outras unidades dedicadas a investigações e interrogatórios no nível companhia representavam menos de 10% da força. O número de detenções por batalhão variava muito, impulsionado pelas prioridades dos comandantes.

Nossa doutrina de contrainsurgência precisa de uma seção dedicada à incerteza e à humildade. Não podemos prever quando e por que as pessoas mudam de lado.

A guerra teria acabado em um mês se os insurgentes usassem uniformes. Por toda a história, as forças governamentais empregaram um censo para identificar os insurgentes não uniformizados. É uma técnica venerada em todos

os manuais de contrainsurgência. Perguntei a um general de quatro estrelas, no início de 2005, por que não havia um censo, completo com impressões digitais. Porque, ele disse, isso poderia levar de um ano a 18 meses, insinuando que a guerra acabaria antes disso.

Em média, um homem de idade militar no Triângulo Sunita, que inclui Bagdá, era detido uma ou duas vezes por ano para uma verificação superficial de identidade. No entanto, nunca usamos a tecnologia existente para obter impressões digitais no local e enviar um informe para um banco de dados central para comparação com as impressões ligadas a crimes não resolvidos. Essa era a maior deficiência técnica da guerra. A maioria das companhias de fuzileiros navais tentou construir seu próprio censo em laptops usando fotos digitais, planilhas eletrônicas e mapas do Google. Milhões de homens-hora foram desperdiçados devido à incapacidade do escalão superior de entender como a identificação da população masculina era o equivalente de colocar uniformes nos insurgentes.

Ao longo de seis anos, eu me inseri em mais de 60 batalhões, acompanhando-os. Em termos de táticas e procedimentos de guerra convencional (*Missão, Inimigo, Terreno, Tropas e Tempo Disponível* — METT-T, na sigla em inglês, movimentos táticos, exercícios de ação imediata, etc.), as semelhanças entre as unidades — seja as de blindados, seja as de infantaria; seja as do Exército, seja as do CFN — eram impressionantes. A dessemelhança entre as táticas de contrainsurgência era igualmente impressionante. Na contrainsurgência, todas as políticas são locais, mas nem todas as táticas são locais. Algumas táticas são superiores às outras.

A figura 1, extraída das minhas anotações de 2006, mostra a variação fora das cidades.²¹ As áreas operacionais parecem imensas, porque, longe dos leitos fluviais, a maior parte do terreno consiste em terra cultivável ou terra plana. Foi difícil determinar o critério usado para designar as áreas de operações dos batalhões nas áreas rurais ou o que se exigia que os batalhões cumprissem. O número dos mortos em combate se refere às perdas no batalhão durante todo o rodízio. As detenções se referem aos prisioneiros enviados a uma prisão,

e não simplesmente detidos. Efetuar prisões que resultassem em condenação não era considerado uma tarefa principal pelos nossos batalhões.

Com o decorrer de 2005, os estilos táticos no leste e no oeste divergiram consideravelmente. Os generais americanos em 2005 apoiaram uma retirada para as bases de operações avançadas no leste porque as tropas americanas eram vistas

De todas as variáveis, a perseverança e a resolução dos nossos soldados e fuzileiros navais eram as mais essenciais para o sucesso no Iraque.

como um anticorpo que provocava a resistência. A estratégia de efetuar a transição para uma liderança iraquiana significava uma retirada. Em consequência, havia menos patrulhamentos. Em Bagdá, as patrulhas americanas (incluindo as patrulhas combinadas) diminuíram de 970 por dia, em junho de 2005, para 642 em fevereiro de 2006.²²

Apesar da mudança para as bases de operações avançadas no leste, em Anbar, no oeste, o patrulhamento de pequenas unidades a partir de postos avançados dentro e fora das cidades continuou sendo a norma, mas com um preço. Com forças mais ou menos equivalentes, em 2006, Anbar respondeu por um terço a mais de mortes que Bagdá, onde havia menos patrulhas.²³

Ao mesmo tempo, a revista *The New Yorker*, que assumiu, de forma quixotesca, a autoridade de julgar as táticas de contrainsurgência, enalteceu o coronel H.R. McMaster pela pacificação de Tal Afar, enquanto, em Al Qaim, ao longo da fronteira síria, um batalhão de fuzileiros navais alcançou sucesso parecido. Nos dois casos, a chave era aliar as forças dos EUA a soldados e policiais iraquianos em postos avançados entre a população. Contudo, foi só em meados de 2007 que percebi uma semelhança clara entre as abordagens em todo o Iraque, isto é, barreiras de contenção, postos

avançados em delegacias policiais, vigilâncias de bairro pelos moradores, patrulhamento de pequenas unidades combinadas e a parceria rotineira com o Exército e com a força policial do Iraque.

Humildade no Êxito

A visão popular da história é que as nações são lideradas de cima pelos “Grandes Homens”, que líderes como César e Lincoln são os que moldam a história. Do mesmo modo, a maioria dos relatos sobre o Iraque segue essa ideia do Grande Homem. No cerne de livros de oficiais superiores como Bremer, Tenet, Franks e Sanchez, há um sentido maravilhoso de autoestima: a história é toda sobre eles.

A outra visão da história sustenta que a vontade do povo fornece o ímpeto de mudança. Os líderes são importantes, mas somente quando canalizam os sentimentos populares ou têm o bom senso de nadar com a corrente do movimento popular. “A batalha não é decidida pelas ordens do comandante-em-chefe”, Tolstoy escreve em *Guerra e Paz*, “mas pelo espírito do exército”.²⁴ O Iraque espelhou o modelo de Tolstoy. Os eventos foram impelidos pelo espírito, ou falta de espírito, do povo e das tribos. O Iraque não era uma guerra de “Grandes Homens”. Era um caleidoscópio. Vire-o de um lado e você acha que vê o padrão. Surge, então, um evento inesperado e o padrão se desfaz.

O Despertar mudou o contexto da guerra, mas não era suficiente, por si só, para dar uma reviravolta na guerra. Isso exigiu a escalada de tropas, um aumento de pressão nos líderes insurgentes pelas forças de operações especiais e a organização perspicaz de forças por Odierno e Petraeus na frente oriental.

O Despertar não podia ser atribuído ao desenvolvimento econômico; Anbar carecia de verbas. Não se devia a uma governança esclarecida; Sattar se referiu ao governo de Bagdá como “aqueles persas”. Não resultou da escalada de tropas; ela só chegou sete meses mais tarde. Não podia ser atribuído à densidade de tropas em relação a tarefas da coalizão; Anbar era a província de economia de meios. O “Estado de Direito” não tinha influência; Bagdá nem aceitava os prisioneiros detidos nas cadeias de Anbar.

Além disso, a julgar pelas pesquisas de opinião pública, pode-se concluir que os americanos conquistaram os corações e mentes dos sunitas. De fato, quando os fuzileiros navais chegaram a Ramadi em 2004, os residentes lhes chamaram de *shotak* ou bolo de açúcar mole. A abordagem comedida da Força Expedicionária do CFN se tornou objeto de chacota entre as tribos. Em abril de 2004, centenas de ex-soldados entraram sorrateiramente em Ramadi para iniciar uma batalha que permaneceu intensa nos 30 meses seguintes, devastando a cidade.

Sattar era de Ramadi, onde o poder de fogo americano causara grande destruição, fornecendo plena razão para o ressentimento. Contudo, seu tema era que os EUA não vieram para ocupar, enquanto a Al-Qaeda dominava pelo terror. As tribos rejeitaram essa ideia em 2004; em 2006, eles a aceitaram. Pouco antes de seu assassinato pela Al-Qaeda, perguntei a Sattar por que os sunitas não haviam “despertado” anos antes e poupado muito derramamento de sangue entre ambos os americanos e sunitas. Ele pensou por um momento e, então, disse: “Nós sunitas tínhamos de convencer a nós mesmos. Vocês, americanos, não podiam fazê-lo”.

Alguns autores militares se referem ao período de 2004 a 2006 como “AC”, “antes de

contrainsurgência”, e aos anos de 2007 a 2008 como “DD” ou “depois de Dave” (Petraeus). No entanto, a variável fundamental da guerra — a mudança de lado dos sunitas — se originou em Anbar antes da chegada de Petraeus. Nossa doutrina de contrainsurgência precisa de uma seção dedicada à incerteza e à humildade. Não podemos prever quando e por que as pessoas mudam de lado.

Em 2003, a coalizão liderada pelos EUA derrubou Saddam porque ele se recusou a permitir que os inspetores da ONU verificassem se todas as armas de destruição em massa haviam sido destruídas. Em 2004, Bush mudou essa justificativa para enfatizar levar a liberdade para o Iraque. Não sabemos como a maioria xiita usará essa liberdade para tratar os sunitas e curdos. Embora o desenvolvimento econômico, a governança participativa, o Estado de Direito (ocidental) e a construção nacional (à nossa imagem) sejam metas louváveis, elas ainda não foram atingidas no Iraque. Contudo, devemos lembrar que essas tarefas inacabadas não eram tarefas *militares* essenciais.

O que levou os americanos a prevalecer? Tanto o Exército quanto o CFN foram para o Iraque predispostos a uma batalha cinética e decisiva, mas mudaram totalmente de ideia em

Unidade	2º Btl do Iraque	Btl Embarcado dos EUA	Btl A Inf dos EUA	Btl B Inf dos EUA
A Op	100 km ²	1.200km ²	500 km ²	800 km ²
População	10.000	200.000	40.000	80.000
Postos Avançados	9	3	14	8
Patrulhas por dia	4 + 12 postos de controle	16 embarcadas	65 a pé	50 a pé
Mortos em combate do Btl	4	2	17	14
Detenções por semana	Menos de 2	4	7	9

menos de três anos. Os principais ingredientes da contrainsurgência eram o comedimento ao lidar com o povo, o estabelecimento de parcerias de baixo para cima e a perseverança — o patrulhamento sob um calor de 43 graus na poeira e na lama, entre franco-atiradores e dispositivos explosivos improvisados. Os sunitas concluíram, com relutância, que os americanos não eram bolos de açúcar mole e que o governo dominado pelos xiitas não poderia ser derrubado. Era melhor se unir à tribo mais forte e fechar um acordo com Bagdá do que permanecer sob o controle da sanguinária Al-Qaeda com sua visão de retornar a um califado do século IX.

Todas as guerras terminam, e esta também terminará. Só não sabemos quando. Os recrutas para as nossas forças especiais são sujeitos a tarefas árduas que parecem não ter fim ou limites. Essa incerteza em face da exaustão põe à prova a determinação do recruta. No Iraque, nossos soldados e fuzileiros navais passaram na prova. Não podemos prever quando o insurgente perderá o moral. Portanto, precisamos perseverar, determinados que o inimigo cederá antes de nós.

Nos textos militares, colocamos demasiada ênfase em teorias sobre a construção nacional, minimizando o efeito prático da tática agressiva no terreno. Nossos soldados e fuzileiros navais são fuzileiros; alistaram-se para serem soldados rasos. Temos de recompensar esse espírito agressivo. O coronel John Ripley, um guerreiro admirável, uma vez comentou que soldados gostam de lutar; só sabem que não é politicamente correto dizer isso. De todas as variáveis, a perseverança e a resolução dos nossos soldados e fuzileiros navais eram as mais essenciais para o sucesso no Iraque.

Lições para a Próxima Luta

O Afeganistão é a próxima prova. O refúgio no oeste do Paquistão capacitou a Al-Qaeda e o Talibã a se reorganizarem, enquanto muitos dos nossos aliados da Otan não estão dispostos a engajar-se. Então, o combate se intensificou.

Das quatro tarefas essenciais para estabilizar o Afeganistão, três são militares:

- Devemos treinar uma força governamental, incluindo um sistema de defesa no nível de aldeia, que impeça o Talibã de estabelecer um

refúgio para a Al-Qaeda dentro do Afeganistão. Esse treinamento significa que os soldados americanos devem trabalhar em parceria com as tropas e policiais afegãos. O defeito fundamental é a falta de treinamento em investigação policial, recenseamento e aprisionamento de transgressores.

Operar no nível de aldeia testará se nós nos tornamos demasiadamente avessos ao risco como força militar e como nação — se estamos dispostos a patrulhar nas montanhas sem colete à prova de balas, se permitimos que pequenas unidades executem patrulhas por múltiplos dias, se os pequenos postos avançados podem ser protegidos sem incorrerem em custos insustentáveis e se nosso sistema político pode suportar a publicidade que acompanha as baixas, ano após ano. Sabemos que o Afeganistão só alcançará um grau satisfatório de estabilidade quando as subtribos pashtun rejeitarem e resistirem ao Talibã. Não sabemos quando isso ocorrerá. Sabemos que as tribos gostam de lutar. No filme *Butch Cassidy*, Paul Newman olha para os agentes da lei que os perseguem e diz: “Quem são esses caras?” Os dois bandidos famosos decidem fugir ao invés de lutar. A aplicação de pressão ininterrupta semelhante no Talibã dentro do Afeganistão exige mais determinação e resistência do que melhores teorias. A tarefa é desanimadora, dado que a fronteira ocidental do Paquistão é um refúgio.

- Devemos apoiar a força afegã (mantendo, assim, influência sobre o governo em Cabul) durante pelo menos uma década ou mais, a um custo de alguns bilhões de dólares por ano.

- Devemos atacar o nosso verdadeiro inimigo continuamente — a Al-Qaeda no oeste do Paquistão. Embora haja alguma esperança de que as tribos no oeste e o Exército no Paquistão provarão ser mais resolutos que no passado, a Al-Qaeda continua a ser uma bomba-relógio. Um segundo ataque terrível contra os cidadãos americanos aumentaria drasticamente o atual esforço clandestino e calculado contra a Al-Qaeda. É razoável supor que a junta de chefes de Estado-Maior tem um plano de contingência para perseguir a Al-Qaeda dentro da fronteira do Paquistão de forma implacável, caso ocorra um segundo ataque.

Essas tarefas militares podem aproveitar as habilidades aprendidas no Iraque. São inadequadas sem a quarta tarefa de ligar a segurança no nível de aldeia, pelas províncias, ao governo central corrupto e fraco em Cabul. A meta não é criar, intencionalmente, líderes militares tribais, embora o surgimento não proposital de um líder carismático como Sattar não possa ser previsto. Caso ocorra, os comandantes como McFarland reconhecerão o potencial. No entanto, as Forças Armadas dos EUA devem ter um mecanismo para transferir, então, a continuação do desenvolvimento político aos agentes diplomáticos. Isso não aconteceu em Anbar com o Despertar, porque os nossos diplomatas não tinham os contatos ou a influência. De fato, as tropas americanas no Iraque ainda servem de força de amortecimento para os sunitas e fornecem uma garantia contra atos imprudentes por um primeiro-ministro traiçoeiro e legisladores rebeldes. Não devemos designar uma missão parecida para as nossas forças militares no Afeganistão. Esse é o domínio político do Departamento de Estado.

A recente Diretriz da Guerra Irregular (*Directive for Irregular War*), do Departamento de Defesa, afirma que “as operações de estabilidade são uma missão central das Forças Armadas dos EUA”.²⁵ Embora seja incompleta na definição de tarefas, a diretriz exige a “implantação militar de estratégias de conjunto do governo”.²⁶ Espere aí! Isso vai longe demais.

O presidente Obama nomeou o embaixador Richard Holbrooke como Enviado Especial ao Afeganistão e Paquistão, com a missão de coordenar em todo o governo um esforço para atingir todas as metas estratégicas dos EUA na região. É a missão dele, e não das Forças Armadas dos EUA, implantar a estratégia de “conjunto do governo”.

Não devemos americanizar esta guerra. Se o fizermos, o Talibã e a Al-Qaeda dirão que combatem os invasores em prol dos interesses dos afegãos. O problema essencial é que os talibãs acreditam em sua causa absolutista e a pregam, enquanto Hamid Karzai e seu círculo não ofereceram uma narrativa concorrente que aponte para um governo responsável. As Forças Armadas dos EUA não devem ser a ferramenta principal da nossa política externa.

Os princípios de contrainsurgência santificados nos manuais de campanha — o desenvolvimento econômico, a boa governança, o Estado de Direito e a construção nacional democrática — são uma mistura de teoria e tautologia que tem apelo para o pensamento filosófico liberal do Ocidente. Nenhum deles é responsável pela mudança de atitude dos sunitas, que alterou o contexto da guerra no Iraque. No Afeganistão, essas linhas de operações devem ser colocadas sob o Departamento de Estado, reconhecendo que trazer o Afeganistão para o século XXI pode levar 40 anos e US\$ 100 bilhões, e isso pode ocorrer bem depois da partida das tropas americanas. **MR**

REFERÊNCIAS

1. 1.064 mortes em Anbar em 2004-2006, de um total de 2.517, ou 42%, disponível em: www.icasualties.org.
2. 683 mortes na região de Bagdá em 2004-2006, de um total de 2.517, ou 27%, disponível em: www.icasualties.org.
3. 403 mortes na região de Bagdá em 2007, de um total de 904, ou 44%, disponível em: icasualties.org.
4. SLEDGE, E.B. *With the Old Breed* (New York: Random House, 1981), p. 3.
5. GERSON, Michael. “The Man Who Stayed”, *Washington Post*, 17 de outubro de 2008, p. 22.
6. SCHRODEN, Jonathan. *Measures for Security in a Counterinsurgency*, Center for Naval Analyses, p. 10.
7. Em 2006, houve 356 mortes em Anbar, e 822 no total, ou 43%. Em 2007, houve 163, e 904 no total, ou 17%, disponível em: www.icasualties.org.
8. SCHRODEN, p. 12.
9. *Ibid.*, p. 18.
10. Bagdá respondeu por 403 das 904 mortes dos EUA em 2007, ou 44%, disponível em: www.icasualties.org.
11. WOODWARD, Bob. *The War Within: A Secret Whitehouse History 2006-2008* (New York: Simon & Schuster, 2008).
12. FM 3-24, *Counterinsurgency*, (Washington, DC: U.S. Government Printing Office, Dezembro de 2006), prefácio.
13. FM 3-07, *Stability Operations*, pp. 4-10 a 4-11.
14. *Ibid.*, pp. 6-8.
15. GLANZ, James. “Official History Spotlights Rebuilding Blunders”, *New York Times*, 13 de dezembro de 2008, p. 1.
16. CHIARELLI, Gen Peter W. e MICHAELIS, Maj Patrick R. “Alcançar a Paz: A Exigência para as Operações de Espectro Total”, Edição Brasileira da *Military Review*, Novembro-Dezembro de 2005.
17. Counterinsurgency Symposium, Rand Corporation, 16 de Abril de 1962, p. 86.
18. AYALA, Cel Juan. “Reflections”, *Marine Corps Gazette*, Março de 2008, p. 53.
19. Comitê sobre as Forças Armadas do Senado (*Senate Armed Services Committee*), comentários de Abizaid, 3 de agosto de 2006, p. 49.
20. Informações coletadas em múltiplas viagens da Força Multinacional – Iraque (MNF-I) e da Força Multinacional – Centro (MNF-C).
21. Notas de campo coletadas em todo o Iraque em 2006.
22. Dados da MNF-C. Em 5 de Junho de 2005, havia, em Bagdá, 360 patrulhas americanas, 250 iraquianas e 610 combinadas; em 1 de fevereiro de 2006, havia 92 patrulhas americanas, 460 iraquianas e 550 combinadas.
23. BURNS, Robert. “U.S. General Lays Out Plan”, AP, 13 de agosto de 2006. Havia 10 batalhões de manobras dos EUA em Anbar e 12.500 soldados americanos em Bagdá.
24. TOLSTOY, Leo. *War and Peace* (New York: W.W. Norton, 1996), p. 1051.
25. DOD Directive 3000.07, 1 de dezembro de 2008, p. 2.
26. *Ibid.*, 5.